



POVOAÇÃO
DO RIO DOCE
RECORDAÇÕES DO POVO DA FOZ

Lauro da Cunha Narciso


**POVOAÇÃO
DO RIO DOCE**
RECORDAÇÕES DO POVO DA FOZ

Linhares, Espírito Santo



Naturalistas
editora

2022





Barça de cacau

POVOAÇÃO DO RIO DOCE

RECORDAÇÕES DO POVO DA FOZ

AUTOR E FOTOGRAFIAS

Lauro da Cunha Narciso

FOTOGRAFIAS ANTIGAS

Acervo Edgar Ferreira Leite
Acervo Mercedes Martins de Oliveira
Américo Gava (Acervo Nilo Tardin)

REVISÃO

Bruno Lima Pereira
Patrícia Veronesi Batista

COLABORAÇÃO

Gilberto Pavan Narciso

DESIGN

Everton B. de Souza

PARTICIPANTES

Aderli Miguel Rodrigues
Alvanete de Marchi Rodrigues
Antônio Reis Sousa
Argentina Barbosa de Sena
Arildo Anchieta
Arnaldo Alves do Nascimento
Carmelita Barbosa Borges
Edgar Ferreira Leite
Edna Leite Pereira
Edvaldo da Conceição
Getúlio Euzébio Flores
Iara de Oliveira Ribeiro
José Guilherme Neto

Joselino Moraes
Juracy da Costa Mendonça Leite
Leontina Peroba de Lima
Lueide Soares Tomas
Maria das Graças dos Santos
Mercedes Martins de Oliveira
Pedro Acácio dos Santos
Rodrigues Pereira da Silva
Santana Leite Monteiro Moreira
Simeão Barbosa dos Santos
Valdete Soares Neto
Wilson Bispo dos Santos





Deuzeni Bispo Rodrigues





Folia de Reis



Francisco Mineiro Alves



APRESENTAÇÃO

Este livro registra, de forma sincera, as memórias de um povoado rico em histórias, costumes e emoções. As reminiscências revelam sentimentos que se refletem nas imagens, no sorriso, nas palavras e nas marcas deixadas na alma. Falar da cultura, da infância e dos bons tempos vividos, traz à luz a identidade de pessoas que resistem e que amam viver no seu espaço físico, onde um rio se dilui na imensidão de um mar.

Cenário de uma recente tragédia ambiental que ensejou a reconstrução de um novo modo de vida, desejamos que o tempo presente não ofusque o passado e que esse pertencimento seja compartilhado por todos.

Esperamos que cada personagem deste livro, ou quem vier a se identificar com as histórias, vivencie também a forte razão comum a todos aqueles que amam a sua terra e que nela permanecem.

Rafaela Pizaneschi

Gerente de Meio Ambiente / Linhares Geração S. A.





Lagoa da Viúva





INTRODUÇÃO

A comunidade de Povoação, distrito situado no município de Linhares, floresceu à margem esquerda da Foz do Rio Doce, o qual, após percorrer 879 km pelos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, mistura-se ao mar e deixa de ser uma individualidade, uma entidade.

O imponente Rio Doce e a abundância do cacau cultivado nas matas de cabruca transformaram a pequena vila no polo de união entre as comunidades vizinhas (Degredo, Monsarás e Regência): nas festas, no comércio, na chegada e partida do Vapor e na religiosidade.

O rio concentrava todas as atividades e era a via de comunicação com o resto do mundo. Semanalmente, o Vapor Juparanã vinha de Colatina trazendo e levando pessoas e mercadorias, abastecendo a vila e alimentando o imaginário da pequena comunidade.

Navegamos nesse rio de histórias num passeio coletivo de reminiscências. Fotos do passado com recordações do presente, fotos do presente com recordações do passado e guiados por personagens de significativa participação, é o relato da vida ali vivida.

São pessoas da terra, berço natal de muitos que, com o olhar da distância do tempo, puxando o fio da memória, mostram-se saudosos das conversas na rua, enquanto as crianças brincavam de roda até que o gerador de energia fosse desligado. Saudosos de quando as tartarugas marinhas representavam um apreciado recurso alimentar; dos engenhos de farinha; das barças de cacau; da benzedura e de tantos outros costumes que os novos tempos deixaram para trás, desembocando no futuro, assim como quando um rio encontra-se com o mar.





Retirada do Mastro de São Benedito







Festa de São Benedito (1951)



Barça de cacau (década de 1960)



Carnaval (1942)

POVOAÇÃO DO RIO DOCE: A HISTÓRIA CONTADA POR NÓS MESMOS

Povoação era um balneário pequeno, de pescadores, com cultura do cacau. O pessoal vivia daquilo que produzia. As ruas sempre foram gramadas, nunca plantamos nada. É a natureza natural! (D. Mercedes).

Não era um povoado como vemos agora, mas era tudo família daqui mesmo. Geralmente, eram quase todos parentes, porque as famílias de antigamente eram grandes, um casal tinha muitos filhos e filhas. (Sr. Rodrigues).

A iluminação das ruas funcionava até 10 horas da noite. Quando davam 15 minutos para as 10 horas, apitava, e a gente corria para casa porque ia escurecer. Davam 10 horas, parava o motor, e todo mundo ficava no escuro. Aí, acendia o lampião. (D. Edna).

A gente arrumava umas lenhas e fazia um fogo. Os outros conhecidos da gente também faziam outro lá fora: "Fulano fez um fogo lá na casa de fulano". Aí as meninas ficavam cantando roda. (Sr. Reis).

A maioria das casas era de tábuas, tampadas de tabuinhas e de barro. A casa de todo mundo era assim! Quem tinha a situação melhor fazia uma casa melhorzinha; quem não tinha, era de tábuas mesmo. (Sr. Getúlio).

As camas eram feitas de cavalete: botavam tábua e esteira. Ou faziam de palha de milho. Compravam o pano e faziam o colchão de palha de milho seca e desfiada. (D. Iara).

O nosso colchão era de capim. Capim-bandeira, eu acho. A gente enchia o colchão e fazia aquele sacão bem grande. Minha mãe deixava o colchão bem cheio. Os travesseiros eram de macela. Eram maciozinhos e cheirosinhos. (D. Santana).

O vapor Juparanã vinha uma vez por semana, na quarta-feira. Carregava cacau e outras coisas. O Rio Doce a gente via do outro lado. Tinha mais ou menos uns 800 metros de largura. (Sr. Edvaldo).

Era um naviozinho de pequeno porte, mas transportava 700 sacos de cacau para Colatina. Uma hora ele estava de um lado do rio; outra hora ele estava do outro. Quem estava esperando botava uma bandeira na margem. Ele já sabia e ia lá. Aí chegava na frente e tinha outra bandeira lá em outro barranco. Ele já sabia e ia lá. Se não tivesse bandeira, ele não parava. (Sr. Lauro).

Navegava de Povoação até Colatina. Era um vapor de dois andares, que tinha camarote e servia refeição. (Sr. Pedro Acácio).

Eram dois clubes carnavalescos na época: o Ideal e o Douradinho. Cada um tinha a sua festa, e um queria se apresentar melhor que o outro. No Carnaval dava muita gente também. Não tinha estrada na época, e as pessoas vinham de motor, a pé, a cavalo... (Sr. Pedro Acácio).



Banda de Congo Mirim (1979)



Teco-teco (década de 1930)



Primeira comunhão (1955)



Desfile de 7 de setembro (1975)



Vapor Juparanã (1938)



Escola Singular de Povoação (década de 1950)

A Folia de Reis e o Congo tinham aquela animação. Às vezes, você estava brincando em uma roda de tambor e tinha duas ou três pessoas esperando para tocar. Naquela época, eram dois tambores e dois ganzás. Era festa a noite todinha até amanhecer o dia. (Sr. Getúlio).

Quando matava um animal, a gente salgava a carne. Se matava um porco, fritava e botava nas latas de biscoito. Botava com banha e pronto! A hora que quisesse, era só tirar para esquentar. Era isso! (Sr. Rodrigues).

Aqui a terra é preta e já é adubada de natureza: o que planta sai. Eu mesmo plantei muita coisa de comer. Dava muito cacau, muito mesmo! Depois veio a vassoura de bruxa que arrasou com os cacaus - cacau velho já. Hoje em dia, tem cacau com mais de 100 anos, e a vassoura de bruxa estragou tudo. (Sr. Edvaldo).

A gente lavava louça no rio, lavava roupa no rio e pegava água no rio. Quem tinha poço, tinha [água]. Quem não tinha, ia para o rio. Chegava a hora do almoço, a gente almoçava e saía com uma bacia cheia de louça e ia para o rio lavar. Aquele monte de gente, todo mundo lavando. (D. Aderli).

Eu acho que o rio é uma fonte de vida para a comunidade, porque de lá tira a água, de lá tira o peixe... tem as ilhas, tem as roças. É fonte de vida! (D. Aderli).

Esse rio aí é a fonte de renda das famílias mais pobres daqui. Sempre foi! Quer dizer, se você é preguiçoso aqui, de fome não dá para morrer. (Sr. Lauro).









ERA UMA VILA MESMO. NÃO TINHA ESTRADA DE RODAGEM.

Uma época, o governo do estado mandou um navio a vapor para o município de Linhares, que navegava de Povoação até Colatina.

O rio era bem largo; não tinha tantas ilhas como hoje. Formaram-se muitas ilhas de uns 40, 50 anos para cá. Não tinha aquelas casas. Era um rio livre, igual a uma praia, lisa. Um rio grande, que se via de fora a fora.

Antigamente as mulheres lavavam a roupa no rio. Botavam um banco de madeira e ali lavavam a roupa. Se chamava “melão” o mato que tem para passar e limpar a roupa. Foi há 40, 60 anos.

Pedro Acácio dos Santos

(05/10/1937)

FOI HONÓRIO FRISSO QUE COLOCOU O PRIMEIRO ÔNIBUS PARA TRABALHAR.

Era um ônibus daqueles antigos que carregava as coisas em cima dele. A estrada era ruim. Abriram a estrada, mas não era perfeita como a atual. Então, quando dava muita chuva, os ônibus atolavam, aí o pessoal botava corrente nos pneus, puxava de trator e até de carro de boi que tinha nas fazendas! Puxava o ônibus para poderem sair.

É que antigamente chovia muito aqui, dava muito cacau e chovia muito. Era muito cacau, das barcaças não darem conta de tanto que dava.

Aderli Miguel Rodrigues

(12/09/1951)









O PESSOAL VINHA DE REGÊNCIA PARA PEGAR A LOTAÇÃO.

Lá por umas 4 e meia, 5 horas da manhã, as pessoas saíam de Regência para pegar o ônibus às 7 horas, aqui em Povoação, para ir até Linhares. Meu marido era quem fazia a travessia de barco de Regência para Povoação.

Era uma canoa grande de madeira. Cabiam umas 15 pessoas. Ele fazia tudo a remo. Para descer, eram uns 40 minutos, pois para baixo o rio ajudava. Para subir, eram duas horas e meia, pois a água era contracorrente. Ele vinha conversando, contando histórias e rindo. Chegava rapidinho. Era uma pessoa muito alegre! Fazia esse transporte direto. Ia no final de tarde para levar as pessoas e dormia lá para trazer o pessoal de manhã cedo.

Valdete Soares Neto – Dona Maria
(09/09/1953)

JUNTAVA UMA TURMA DE COLEGAS E A GENTE CANTAVA RODA.

A gente cantava roda e tirava versos para os namorados. Coisa de menina! Só dizia que era namorado, mas ninguém se aproximava um do outro.

A gente pulava a janela para poder cantar roda, porque minha tia não gostava que a gente saísse.

Juntava eu e uma turma de vizinhos e combinávamos de dormir cedo. A gente falava que estava com sono e que ia dormir cedo. Quando minha tia dormia, eu dizia: "Ela está dormindo!". Nós pulávamos a janela e íamos cantar roda. Cantávamos roda na rua mesmo, porque a noite era clara.

Edna Leite Pereira
(03/04/1938)







EU LEMBRO DO TECO-TECO QUE CHEGAVA EM POVOAÇÃO.

Tinha um moço com uma vendinha na chegada ali. O nome dele era Luís Azevedo. E tinha um tal de Lequinho que ficava muito na Regência.

Do rio, você via o outro lado da mata. Não tinha aquelas ilhas, não. O teco-teco passava tão baixo que nós ficávamos até com medo. Passava baixinho na praia e subia. A gente corria para ir ver na beira do rio. Não tinha aquelas casas do lado da beira do rio; você via ele passando. Aí ia para Linhares ou para Colatina – que ele era de Colatina. Quando voltava, tinha vezes que chegava em Povoação com o senhor Luís Azevedo.

Perto do campo, quando o teco-teco começava a rodar, o pessoal arrancava as traves de madeira, e ele vinha lá do rio, tudo limpo, pousava no campo e ia até o final da rua, chamada Rabo da Gata.

Antônio Reis Sousa
(06/01/1950)

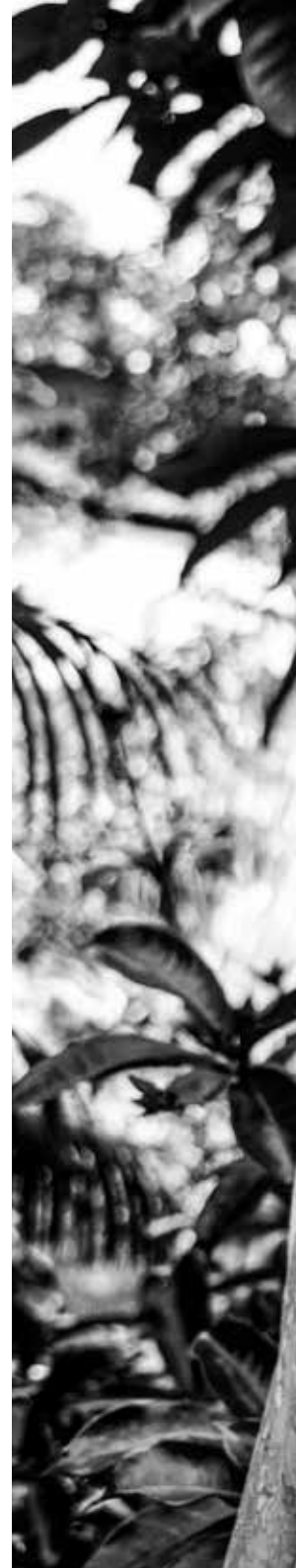
MINHA TIA ERA PARTEIRA, E TINHA OUTRA, A TEODOMIRA.

Essa aí eu conheci. Quando nasci, foi ela que atendeu minha mãe. A criança nascia e ficava sete dias sem sair do quarto. A parteira falava que não era para sair do quarto, e, depois de sete dias, ela saía. A mãe ficava também sem sair de casa, ficava de lenço na cabeça, de meias e só comia carne seca e galinha, não comia outra coisa. Era carne seca e galinha! Durante 40 dias, ela estava de resguardo.

Minha mãe teve um filho, e aí eu vi. Minha mãe ficou 40 dias sem fazer nada, no resguardo. Tinha uma pessoa para varrer e lavar roupa. E a criança estava lá escondida, sete dias, não sei por quê. Sabe o que ela dizia? "Para não pegar o vento!". Porque a criança leva nove meses na barriga, e ela fica quentinha lá dentro; quando nasce, não pode sair logo no vento.


Iara de Oliveira Ribeiro
(15/12/1941)

Jair Martineli Ribeiro
(27/05/1938)









ANTIGAMENTE, NINGUÉM IA PARA O MÉDICO. ERA TUDO REMÉDIO CASEIRO.

“Arrozinho para dor de barriga, cidreira para dor de barriga, capim-santo para abrir apetite, boldo para dor de barriga”, assim eles falavam. Boldo: febre, infecção intestinal. Eu faço, e dá certo! Quando começa aqui em casa, pego o boldo e cozinho!

Romã para garganta. Graxa é para garganta também. Tem muitas plantas medicinais!

Assa-peixe, arnica e babosa são muito boas! A babosa é boa para cortes. A “felicidade” é boa para dor e desinflama rapidinho: é só cozinhar e fazer um banho local. Almescla para desinchar; e barbatimão para desinflamar.

Antigamente era assim: planta e benzedura. Minha mãe benzia, e meu pai benzia de espinhela. Era fé, né?!

Santana Leite Monteiro Moreira

(30/05/1964)

QUANDO EU VIM PARA CÁ, NÃO TINHA NEM MERENDEIRA NA ESCOLA.

As crianças, na hora do recreio, saíam correndo e iam todas para casa merendar. Voltavam logo para a escola, mas vinham cansadas. Umas chegavam certo; umas iam chegando depois; outras nem chegavam. Mas era assim antes. Depois que começou a ter servente.

A gente mesmo que fazia tudo. Depois, a gente se reuniu para pagar uma pessoa para fazer a merenda. Não era como a merenda que temos agora. Era muito pouco, não vinha muita coisa. Às vezes, a gente ia em Linhares, naqueles supermercados, e pedia as verduras para podermos usar aqui na merenda. Sempre foi mais difícil. Agora, não.

Alvanete de Marchi Rodrigues

(09/11/1949)







NASCI AQUI DENTRO. SOU REGISTRADO AQUI DENTRO.

Para mim, não tem outro lugar igual a Povoação. Aqui você não compra uma banana; não compra uma laranja; você não compra uma jaca. Um peixe, você não compra. Eu dei 25 sacos de peixe. Chegou tudo numa redada só. Eu cerquei lá embaixo... aí, quando eu cerquei, a rede não veio para a terra. Eu disse: "Meu Deus, faz como para soltar os peixes?". Viemos eu e mais dois barcos desses lotados de peixes para o pessoal. Tinha uns dois mil quilos.

Arildo Anchieta
(16/06/1947)

Miguel de Souza Ferreira
24/11/2020

TRABALHEI COM CACAU, COMO VAQUEIRO E EM LATICÍNIO. AÍ CANSEI E FUI PESCAR.

Porque na pescaria o cara ganha mais dinheiro do que trabalhar sete dias na roça. Na pescaria, você vai pescar com o seu material: o que pega é seu. Eu sou dono da rede; eu tenho dois quinhões. Eu tenho um, e ele tem um. Tudo é meu! Entendeu o que eu estou falando agora?

Peixe no Rio Doce era comum. Agora, mais peixe mesmo é na barra. Porque toda boca de barra é foco do peixe. Botava a rede lá, com a nadadeira. Quem sabia pescar tainha com rede de cerco, tinha que ser lá, por causa da maré. Para pegar um robalo, também era lá. Você ia pescar e matava muito peixe. Quando estava de linha, você matava quase de largar de mão. Várias arraias!

Antigamente, só o motor 15 para romper a correnteza. Quando o rio fumava água, só o motor 15. O de rabeta era fraco; não aguentava. Corria muito. Era difícil ver uma praia nesse rio.

Joselino Morais – Zé Lino
(09/09/1953)







DE LINHARES, POR AÍ TUDO, MUITOS VINHAM COMPRAR PEIXE AQUI.

Eu vendia no atacado. O cara vinha aqui e comprava tantos quilos: 70, 80, 100, 200 quilos de peixe, até mais, e eu ainda levava para Linhares. Muito peixe! Eu pescava com o meu filho com uma rede. Chama pescaria de arrasto: a gente vai em um bote com três pessoas e a rede. Aí pesca 700 quilos de peixe. E às vezes pegava do peixeiro daqui mesmo. Ele pescava, e nós pagávamos.

Sabe, sempre fui pobre; nunca fui rico, nunca fui folgado, nunca tive dinheiro. Mas fui um pobre sempre desta natureza: eu nunca deixei a pobreza tomar conta. Sou pobre, mas não deixei a pobreza tomar conta de mim.

Arnaldo Alves do Nascimento – Sr. Lauro
(02/03/1933)

CACAU, PEIXE... TINHA MUITA FARTURA NAQUELA ÉPOCA.

Eu nasci e criei meus filhos aqui em Povoação, nesta casa aqui. Eu sempre trabalhei na roça. Depois da ponte, tem um lugarzinho, uma roça, onde fiquei 32 anos – eu e minha mulher, Aláide, trabalhadeira pra caramba, da roça mesmo. Os filhos, antes de saírem de casa, me ajudavam também.

Tinha uma estufa aqui do João Mineiro. Todo dia você via fumaça. Eu falava com eles: “No domingo, estarão desocupados?”. Aí eu puxava o cacau no sábado, puxava de burro e botava na estrada. Às vezes, terminava tarde. Eu vinha e os chamava pra me ajudar a botar os cacaus no coxo. Oito, nove horas da noite trabalhando para poder aproveitar essa trégua para secar o cacau. Era assim: colocava na estufa e pronto!

Edvaldo da Conceição – *In memoriam*
(15/05/1935 - 24/03/2022)









VOCÊ SABE QUANTAS CAIXAS DE CACAU SUBIA PARA A ESTUFA?

Eu pegava meia-noite. Eu e um companheiro meu: ele enchendo e eu carregando. Eu subia 180 caixas de cacau para a estufa e 100 para a barçaça. Quando davam seis horas, eu terminava e ia para a roça juntar cacau o dia todo. Acredita? Tinha dia que saíam 300 caixas de cacau.

Era muita gente! Era muito cacau! A roça nem cabia de tanta gente. Era muita gente... 15 facões de vez... aquela fila! Eram 15 quebrando cacau! Saíam umas 300 caixas de cacau por dia. Pensou?! Um mundo de cacau!

Getúlio Euzébio Flores
(27/03/1950)

HOJE O CACAU É O OURO DENTRO DA FAMÍLIA.

É o sustento! O cacau hoje na nossa vida é tudo. Sem ele, talvez, nós não estaríamos nessa posição que a gente está. Então ele é a vida para a gente. Meus filhos, cada um tem a sua casinha. Puderam comprar um lote e construir. Mesmo que tenham feito a casa pequena, as casas foram crescendo, mas foram tiradas daqui de dentro.

Meu sogro sempre falava isso para os meninos: “Vocês ficam plantando mandioca... mandioca arranca e vai pra cima da terra. Plantem cacau, porque cacau vocês tiram, e o pé fica lá!”. Foi uma coisa certa que ele falou.

Hoje me falam: “Eu nunca fui na roça da senhora, mas eu sei que é abençoada!”. Porque, eu sendo uma mulher, graças a Deus, Deus me deu força e visão para levar em frente.

E eu gosto de passar o dia a dia aqui. Quando chego em casa, se estou cansada, tomo banho e durmo tranquila.

Lueide Soares Tomas

22/01/1954









AQUI COMEMORAMOS SÃO BENEDITO NO DIA 25 DE DEZEMBRO.

Foi no dia em que o Sr. Vicente Sabino trouxe o santinho. Ele veio andando de São Mateus pra cá com a imagem de São Benedito e chegou no dia de Natal. Veio mais gente do Monsarás. Todo mundo acompanhando, porque era uma festa linda trazer um santo aqui para Povoação.

Eram poucas famílias, porque não tinha tantas famílias aqui em Povoação. Das famílias que tinha, estavam todas na festa.

A imagem foi pra casa da dona Gracelina, enquanto faziam a capela. Depois que fizeram essa capela, colocaram São Benedito, e foi uma outra festa para a inauguração da igreja.

Por isso a gente comemora São Benedito no dia 25 de dezembro. Foi até bom, porque tinha a festa de São Benedito em Regência, e no dia 25 de Natal todo mundo vinha pra cá.

Mercedes Martins de Oliveira
(01/01/1946)

SE O SENHOR QUISER TER UMA RELIGIÃO, TEM QUE CUMPRIR.

É igual a mim: eu brinco, mas é pagando as minhas dívidas. Minha mãe fez uma promessa para mim, porque eu era muito doentinha e comecei a cantar na folia de Reis com meu tio. Quando minha mãe morreu, ela pediu: “Minha filha, é uma brincadeira que você não vai deixar. Enquanto viva estiver, você tem que brincar!”.

Agora eu brinco aqui com meu neto. Ele que é o chefe da brincadeira e quem a está puxando. Antes era o Arildo; depois ele passou para meu neto. Ele me carrega e diz: “Vó, eu não quero ver a senhora sentada. Quero ver a senhora junto comigo!”.

Argentina Barbosa de Sena

(24/01/1934)





MEU MARIDO DESDE NOVO GOSTAVA DA BRINCADEIRA.

Aí, depois, a gente se casou e continuou a brincar de Reis. Eu estou com mais de 55 anos de brincadeira. Esse ano a gente quase não brincou, só apresentou um pouquinho para o São Brás no dia 03 de fevereiro. Porque nós estamos acostumados a brincar de 03 de janeiro até 03 de fevereiro.

Nós começamos a ensaiar as músicas em dezembro. São quatro ensaios; sendo cinco, com o geral. No dia 03 que a gente sai para brincar, primeiramente na igreja, depois vai para as casas apresentar. Agora mesmo eu estou com vontade de brincar de Reis, a folia. Eu gosto muito!

Juracy da Costa Mendonça Leite – Dona Mozinha
(19/05/1945)

EU ESTAVA ALI NA PRAIA, E SURTIU UMA CONVERSA.

Falei com o Dr. Carlos Luís: "Vamos construir um clube aqui? O que vocês acham?" Quando eu falei isso, ele disse: "Não sei. Você está na ideia?". Aí os outros dois colegas também já falaram: "Rapaz, é uma boa!". E, no final, sabe o que aconteceu? Logo após essa conversa na praia, eu procurei a Dona Rita Pereira Moreira. Ela estava lá com a família e a Mercedes. Aí expus para elas o que nós tínhamos conversado. Elas apoiaram. Quando chegou a tarde, fizemos a reunião no grupo [escola]. Foi o mesmo que botar fogo na fogueira – e acendeu! Aí animaram, e, nessa reunião, já escolheram o nome do clube.


Foi a comunidade que construiu aquele clube. Teve gente que colaborou com um tijolo, dois, três; teve gente que deu telha. Então, depois da inauguração, reuni a diretoria e falei: "É o presente que nós vamos dar a essa comunidade daqui!".

Edgar Ferreira Leite
(31/10/1944)

Veralucia Araújo Souza Leite
(04/08/1981)







A POVOAÇÃO ERA MUITO BOA, ERA MUITO ANIMADA, TINHA MUITA FESTA.

E a gente dançava muito no clube Golfinho. Quem tocava aqui era um sanfoneiro: Florêncio, o nome dele. Ele era muito comentado, tocava bem. A gente começava cedo. Era sete, oito horas da noite, e as pessoas já estavam chegando. Cerveja gelada e as coisas que eram para vender já estavam prontinhas. Nós fazíamos tanta coisa, carne frita... Era tudo frito, porque frito era melhor. Era um salão grande, cheio de mesas com cadeiras, onde tinha um palco. Às vezes, vinham uns que também tocavam violão.

Às vezes, começava a chegar gente até antes das 8 da noite e ia até uma hora da manhã. Porque o sanfoneiro também cansava. O pessoal vinha dessas roças, muitos de Linhares, chegava em cavalos e os amarrava por aí. Nem sei como é que eles arranjavam lugar; sei que ficavam aí. Porque essas árvores daqui quem plantou foi meu marido.

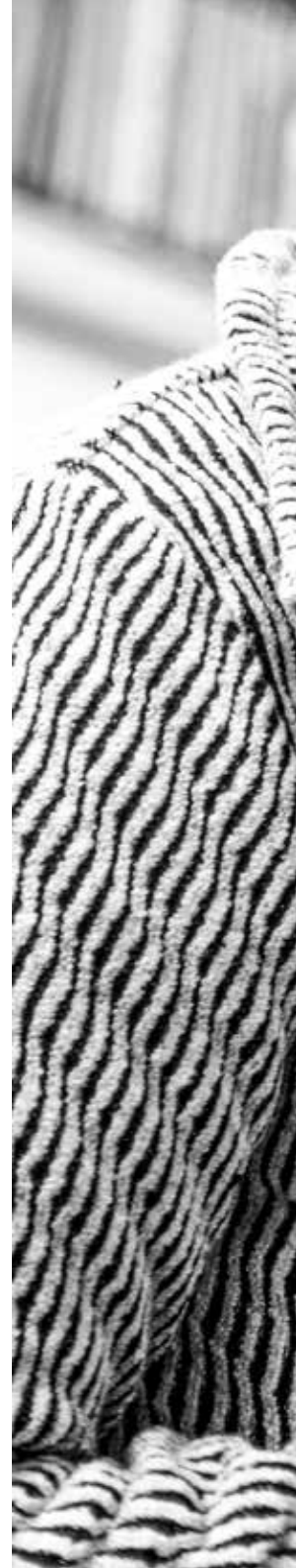
Leontina Peroba de Lima
(20/04/1933)

EU APRENDI UNS PONTOS SIMPLES COM A MINHA MÃE, MAS NÃO DAVA MUITA IMPORTÂNCIA.

Mas depois de um tempo veio o pessoal do Projeto Tamar, aí a gente começou a bordar mais. Se eu tivesse me interessado desde criança, eu iria saber mais uns pontinhos de bordado. Mas as minhas amigas foram me ajudando e me ensinando. Aí eu fui lembrando e aprendendo.

Foi há mais de 20 anos, quando a gente bordava para a loja do Projeto Tamar de Regência e ia para vários locais. Não tinha uma casa própria para bordado, era numa casinha do Tamar lá na beira do Rio.

Maria das Graças dos Santos
(09/05/1950)









APRENDI BORDADO DESDE MENINA NOVA.

Aí, alguém lá de fora que quiser fazer umas camisas, umas blusas, umas batinhas, manda pra cá pra nós, que fazemos.

Eu gosto de tudo, mas gosto mais de tapete. Nossa! Eu perco tempo! Se eu estiver fazendo isso aqui, e você chegar perto de mim, eu não te vejo de tão entretida. Eu adoro fazer isso.

Eu fico aqui entretida porque eu não posso sair daqui. Se eu tirar o olho daqui e perder um buraquinho, aí tenho que voltar tudo de novo.

Antes, eu ficava lá no CIC [Centro de Integração Comunitária] o dia todo. Nós levávamos café, bolo... levávamos tudo. Cada um levava uma coisa, sabe?! Entendeu? Tipo piquenique! Cada um de nós levava uma coisa. Estava todo mundo lá: comia e fazia bordado. Nós ficávamos o dia todo conversando.

Carmelita Barbosa Borges
(17/02/1945)

TINHA UNS TIMES MAIS ANTIGOS, O IPIRANGA E O AIMORÉS. NO MEU TEMPO, ERA O GOLFINHO.

Eu, quando tinha uns 20 e poucos anos, trabalhava na roça e à tarde vinha treinar no campo, nas terças, quintas e sextas. Primeiro, com o finado treinador Leuzenor. Depois, veio o Curió – que se chama Orlando e hoje mora numa fazenda aqui perto. Depois, uma época, fui para o Rio de Janeiro e em seguida voltei.

Quando voltei, fomos campeões no torneio de Linhares nos anos de 1981, 1984 e 1988. A camisa do time era azul e amarela na época. A gente se trocava no clube e ia correndo até o campo.

Até hoje, o time do Golfinho é conhecido por aí. Hoje, eu treino meu bisneto [Natan], que tem 9 anos.

**José Guilherme
Neto – Zezé**
(25/09/1950)

Natan Henrique
Guilherme dos Santos
(12/06/2012)

Luan de
Souza Sabino
(12/06/2012)
à esquerda.









EU SINTO SAUDADE DO MOVIMENTO DA ÉPOCA.

Era um movimento diferente de hoje, dos frequentadores da praia que vinham pra cá. Não se falava em turista.

O pessoal vinha naquele sistema de pessoas do interior. Chegava aqui, eu tinha a cabana. O pessoal chegava em cima de trator e caminhão – aqueles caminhões lotados de “peãozada” das fazendas e da cidade mesmo.

Os caras chegavam: “Tem o que pra comer?”. Não se falava em produção de peixe, era posta: “Me dá dez postas de peixe!”, “Me dá cinco postas!”. Às vezes, quem tinha mais intimidade entrava lá na cozinha: “Quero ver como está aí!”. Chegava lá, tinha a panela de feijão cozido que eu cozinhava para mim e um arroz: “Quanto você quer com essa panela de feijão, com esse arroz e dez postas de peixe?”. A gente fazia aquela “farofona” e botava lá fora, naquelas mesas de pau. O negócio era todo rústico mesmo.

Simeão Barbosa dos Santos
(25/09/1950)

O SER HUMANO É MUITO INCOMPREENSÍVEL!

Ele não para pra pensar e meditar que a natureza vive sem o ser humano, mas o ser humano não vive sem a natureza.

Com a natureza, quem conhece a realidade não é quem estudou, é quem conviveu. E quem convive que sabe! Quando eu morava na roça, tinha um valão na beira da casa em uma distância como daqui até lá no portão. De vez em quando, pensava: "De noite, vou matar um peixe, uma traíra, pra fazermos uma moqueca. É só uma!". Chegava lá e matava aquela traíra grande para não ter trabalho e tratava pra fazer a moqueca.

Não tinha lanterna; era facho de palha. Depois apareceu o lampião. E a fartura era isso!

Rodrigues Pereira da Silva
(08/08/1945)







A GENTE SENTE FALTA DO MEIO AMBIENTE!

A gente sente falta do meio ambiente dentro de um patrimônio na margem do rio. A gente sente falta da fartura do peixe. A gente sente falta da fartura de caças. A gente sente falta da vegetação, que hoje está bem minguada.

O meio ambiente está quase postado nesse primeiro lugar de saudade, porque isso dá muita saudade! Uma pessoa com um facão e um pedaço de madeira na época da piracema pegava os peixes no meio do brejo. O peixe se escondia nas moitas de mato.

Todo lugar que tem recurso natural tem fartura. Todo lugar que tem água tem vida. Em todo lugar que tem meio ambiente, a qualidade de vida do povo é vida boa. Não é verdade? O povo tem riqueza, tem fartura!

Wilson Bispo dos Santos – Sr. Laílson
(15/08/56)









UM RIO DE HISTÓRIAS

Apresentamos as memórias de personagens que fazem parte da história e da cultura de Povoação. Eles representam a história e a cultura viva. Buscamos transportar o leitor para uma época não muito distante, mas que, para os mais jovens, pode parecer quase inimaginável e, por vezes, mostra-se perdida e esquecida nos nomes das ruas da pequena vila. Fomentar as conversas sobre a antiga vila de Povoação foi o nosso principal objetivo.

Este álbum de fotografias e de recortes reúne novamente a comunidade para uma grande comemoração: o registro de suas memórias, celebrando as décadas de convivência que estreitaram os laços de amizade e de parentesco entre os moradores, formando o que se pode considerar uma grande família.

Por fim, que o sentimento dos participantes seja comum entre as gerações de filhos e filhas da comunidade. Porque, em meio à nostalgia, cada um, a seu modo, revelou que não há outro lugar melhor para se viver do que em Povoação do Rio Doce.



N222p Narciso, Lauro da Cunha, 1982
Povoação do Rio Doce: recordações do Povo da Foz / Lauro da Cunha Narciso. Linhares, ES: Editora Naturalistas, 2022.

84 p.: Il.

ISBN 978-65-991345-2-4

1. Ecologia humana – Espírito Santo 2. Povoação – Linhares, ES 3. Foz do Rio Doce – relatos sobre modo de vida I. Título II. Narciso, Lauro da Cunha.

CDU 504.75(815.2)



POVOAÇÃO DO RIO DOCE

RECORDAÇÕES DO POVO DA FOZ


Naturalistas
editora

Realização



Esta publicação, de responsabilidade da Linhares Geração S.A, foi realizada em atendimento à Condicionante 27 da Licença de Operação nº 064/2020 e à Condicionante 13 da Licença de Operação nº 92/2022 do processo de Licenciamento Ambiental nº 40055124 junto ao Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – IEMA.

ISBN: 978-65-991345-2-4

